

# CARTO(FOTO)GRAFIAS DO COTIDIANO URBANO E A NATUREZA

## CARTO(PHOTO)GRAPHIES OF URBAN DAILY LIFE AND NATURE

Arthur Weinmann Tietze<sup>1</sup> e Cristiane Knijnik<sup>2</sup>

### Resumo

A presente pesquisa aborda sobre o lugar do olhar e das imagens nos processos de subjetivação atuais. Recorreu-se ao método cartográfico e à produção de fotografias na intenção de uma pesquisa experimental, de caráter exploratória. O cotidiano urbano assumiu protagonismo como território de possibilidade de encontros, disparador de afetos e de problematizações. Questionou-se sobre a suposta separação entre os ambientes construídos da cidade e os ambientes ditos “naturais”. Narraram-se histórias, como frutos de amarrações entre experiências significativas que afetaram a forma de olhar e pensar o mundo. Pistas que nos auxiliaram a encontrar outras cidades na cidade de São Leopoldo. Sendo assim, praticou-se uma revisualização do cotidiano urbano em seus encontros com a natureza, tateando outras configurações de tempo e espaço que permitiram a vivência de outros modos de habitar a cidade e fotografá-la. Palavras-chave: cidade, natureza, cotidiano, fotografia, cartografia.

### Abstract

*This research approaches the place of the gaze and images in current subjectivation processes. The cartographic method and the production of photographs were used with the intention of an experimental research, of an exploratory nature. Urban daily life assumed protagonism as a territory of possibility of encounters, triggering affections and problematizations. Questions were raised about the supposed separation between the built environments of the city and the so-called “natural” environments. Stories were narrated, as fruits of connections between significant experiences that affected the way of looking at and thinking about the world. Clues that helped us find other cities in the city of São Leopoldo. Therefore, a review of the urban daily life was carried out in its encounters with nature, probing other configurations of time and space that allowed the experience of other ways of inhabiting the city and photographing it.*

*Keywords: city, nature, daily life, photography, cartography.*

<sup>1</sup> Psicólogo graduado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS, 2022). Possui experiência profissional como psicólogo clínico em consultório particular e no campo da Psicologia da Saúde. Realizou Iniciação Científica e, posteriormente, participou como pesquisador colaborador no Grupo de Pesquisa Contextos Digitais e Desenvolvimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2019-2022). Graduado em Fotografia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA, 2011).

<sup>2</sup> Doutora em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF, 2015). Professora do curso de psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Professora e tutora na Residência em Saúde Mental na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2002), especialização em Intervenção Social em Saúde Mental (2006) pela Universidade de Rovira i Virgili (Espanha) e mestrado em Psicologia (UFF, 2009). Especialista em Saúde Mental Coletiva pela Escola de Saúde Pública do Rio Grande do Sul. Atua principalmente nos seguintes temas: políticas públicas/saúde pública e reforma psiquiátrica.

### Introdução

Iniciar uma escrita é o desafio de escolher por onde começar. Não exatamente porque a abertura pautaria os possíveis desenlaces das temáticas que tratamos aqui (longe dessa pretensão), mas porque o primeiro passo parece ser o da entrega. Tarefa essa, no mínimo, provocativa. A construção deste trabalho passa pela implicação com a Psicologia, com a Fotografia, com a Cidade e com outros modos possíveis de produção de vida.

A presente pesquisa é disparada pela experiência de um dos autores na perda parcial e temporária da visão. De forma abrupta e inesperada, diversas manchas apareceram em seu campo visual. Borrões como sombras escuras, sem formas definidas e densas, obstruíram e dificultaram que enxergasse. Atualmente, algumas marcas desapareceram e outras ainda permanecem. Consideramos importante salientar que a vivência constituinte do relato tem como base a experiência singular enquanto alguém conectado com a sua capacidade visual, cuja atividade profissional era, também, a de fotógrafo profissional. Pretendemos uma abertura de brechas possíveis, encarnando problematizações.

No encontro com a perda parcial e temporária da visão, o acaso tomou corpo. O fotógrafo e psicólogo, diante das incertezas, se apegou a tudo que era possível registrar como uma tentativa de arranjar sentidos para a experiência. Na vontade de guardar o máximo possível do mundo, das imagens e das memórias visuais. Esse percurso intensivo de aproximação com o sensível exigiu que enxergasse com outros olhos, com novos olhos, borrados e afinados ao mesmo tempo.

Do período de descobertas e do destampar de um jeito de olhar para a vida, surgiram os questionamentos que norteiam essa escrita. Como pensar sobre o lugar do olhar e, conseqüentemente, das imagens nos processos de subjetivação atuais? Partimos da compreensão das subjetividades e dos modos de subjetivação enquanto processos de produção contínua e infundável, que se constituem a partir dos encontros com dimensões individuais, coletivas e institucionais, e que configuram contornos de vida e de arranjo social (GUATTARI, 1992). Tratam de agenciamentos de enunciação organizados por sistemas de produção de sentidos que compõem e se alastram pelo tecido social na formação de referenciais existenciais (GUATTARI; ROLNIK, 1996). Desse campo, abrem-se dúvidas e múltiplas direções de voo.

### A visão e o olhar

Haveria certas particularidades entre ver e olhar. O ato de ver próximo de um processo próprio da sensopercepção e o ato de olhar como uma ação endereçada a algo ou alguém (VIEIRA, 2011). Por conseguinte, o ver e o olhar se relacionam por uma intencionalidade, a qual seria interessante demorar-se com mais cautela. O ver evoca um vidente resguardado e, em alguma medida, desinteressado. Para a visão, sem muitos pousos sobre as superfícies. Um olho de acordo com o que lhe é oferecido. O olhar, por sua vez, conota uma mobilidade ativa e investida para bisbilhotar e explorar o visto e o não visto. Tem urgência em olhar insistindo. Um olho que questiona o que percebe. Conseqüentemente, o movimento de passagem entre ver e olhar ocorre quando se consegue “saltar do espaço das significações estabelecidas e mergulha no mundo temporal do sentido” (CARDOSO, 1988, p. 350). Haveria, portanto, sempre um jogo de saltos entre ver e olhar.

Braga (2007) e Garcés (2011) sinalizaram um império do olho no contemporâneo, o qual opera pela primazia desse órgão como representante único das visualidades. Um modo hegemônico de ver, de forma que o olhar se resume à visão pura. Essa, por sua vez, passa a se dar desincorporada, alheia ao corpo e contemplada como sentido preponderante e privilegiado para a construção da verdade, do real e da razão na sociedade ocidental (REIS FILHO, 2012). Tal domínio da visão cria espectadores absolutos e enrijecidos das múltiplas esferas da vida e na própria relação com ela, ilustrando com veemência o exercício da despotencialização do corpo. Como nos aponta Haraway (1995), o truque mítico de deus de ver tudo de lugar nenhum se tornou prática comum, cotidiana.

É notável um esgotamento do visível pelo modo como o capitalismo globalizado engendra a imagem ao Capital, privatizando a existência, reforçando a produção de subjetividade e de processos de subjetivação de sujeitos individualizados. Da mesma forma, incentiva a produção e consumo de imagens como gestão da vida, esvaziando as invisibilidades e a alternativa de se buscar e encontrar algo ainda por ser visto (GARCÉS, 2011). Tem-se, assim, uma educação do olhar pela ação de dispositivos e estratégias de atenção, que fortalece a desencarnação da visão e a focalização dessa atenção, descontextualizando o sujeito de um mundo comum (CRARY, 2012).

Os olhos estão sempre alerta e prontos para receber os estímulos. Haveria de se indagar se não chegaria a existir uma dispersão da própria sensibilidade da visão em operação de mero registro, não pela mediação dos olhos, mas pelas questões contextuais elencadas que delimitam a capacidade visual. Atualizamos nossos questionamentos para pensar como deslocar o regime visual dominante focalizado, centralizado e que nos convoca a uma posição de observadores desencarnados. E não somente isso, mas como potencializar a produção de subjetividade a partir de um regime visual corporificado.

É possível considerar neste estudo as relações em que os olhos, a visão, o olhar, as imagens e os sujeitos se constituem de forma imbricada com as instituições, as linguagens e demais componentes que se misturam no campo social entre fluxos e incidência do poder. Problematizar as questões suscitadas a partir da experiência da perda parcial e temporária da visão e da transformação da mesma poderia ser um caminho para “inventar novas possibilidades de vida” (ROLNIK, 2002, p. 13).

### **Metodologia inventada**

Propomos a possibilidade de se fazer uma pesquisa experimental, recorrendo ao método cartográfico (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009) para ensaiar voos pelo olhar e pela produção de fotografias, na tentativa de fazer conversar ciência e arte. Uma vontade de aliar as palavras e as imagens para romper com a ideia de que a razão está acima do sensível e afirmar que as imagens estão para além e aquém da representação.

Sustentar o investimento em uma cartografia não é tarefa fácil, pois envolve abdicar de modelos incontestáveis (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012). É suportar o lugar de quem não sabe como se dará o processo. Escolher por uma cartografia envolve, de estreia, o “desmanchamento de certos mundos” (ROLNIK, 1987, p. 1) e a escolha por “lançar-se rumo ao invisível” (COELHO, 2006, p. 10). Entende-se uma cartografia como uma pesquisa-intervenção, de caráter exploratória, onde o processo tem especial destaque e dificilmente se concebe um ponto de chegada, um fim em si mesmo. Ela se faz no acompanhamento, conforme o relevo da paisagem sem a pretensão de seguir passos estipulados a priori (REIS et al., 2012), podendo se estender em diversas direções.

É nesse movimento que as questões vão se constituindo, mutáveis de acordo com o que vai se apresentando ao longo do percurso. Não haveria, por isso, um material a ser coletado, mas sim produzido ao longo de um processo cartográfico, pautado por uma dimensão inventivo-intuitiva que, simultaneamente, problematiza, diferencia e temporaliza (AMADOR; FONSECA, 2009).

Nesse sentido, o objeto de pesquisa, o pesquisador e a produção de conhecimento geram efeitos uns sobre os outros. A escolha por onde transitar, que caminhos investir e que questões agenciar operam a partir das intensidades dos encontros que vão se apresentando e tomando o corpo do pesquisador. Logo, conhecer é estar implicado, é um processo de criação e, também, político (PASSOS; BARROS, 2009).

A cartografia entende-se livre para as linguagens, aberta a todos os tipos de materiais que possam fecundar as experiências. Sendo assim, propomos a expansão da metodologia teórico-prática escolhida que contempla, para além da escrita do trabalho, a possibilidade de vincular imagens fotográficas como recursos cartográficos, uma carto(foto)grafia.

Experimentar olhares instituintes poderia ser um caminho interessante para reformular a relação dos sujeitos consigo, com as imagens e com o mundo. Olhares que contemplem outros ritmos menos pulverizados e acelerados como os atuais atravessados pelo tempo mecânico do relógio e da produção (FLORES, 2012). Ao relativizar a construção de imagens que reinventam essa lógica operacional, que excede a visão para atingir igualmente o corpo, Rodrigues (2012, p. 91) propõe um olhar que contemple a “atenção ao ínfimo”, como oportunidade de criação delicada e cuidadosa de imagens sobre “aquilo que acontece”.

Pelos aspectos rizomáticos e dinâmicos que a cartografia preza, é preciso de antemão considerar dois pontos fundamentais no processo de cartografar. A postura do cartógrafo diante do processo e o território a transitar.

### **Cartógrafo beija-flor**

Exploramos aproximações possíveis com um certo estilo de cartografar articulado às problemáticas elencadas a partir da experiência de perda parcial e temporária da visão. Atentamos para o encontro com a figura de um beija-flor, vivido no percurso manchado, como proposta de um jeito cartógrafo de ser. Na sutileza e surpresa relativa ao avistamento desse pássaro, na atenção ao seu voo característico, na apreciação de sua coloração e na descoberta de seu pouso descansado e dificilmente testemunhado, residem a potência de nos pensarmos enquanto cartógrafos enlaçados ao beija-flor. Qualidades que utilizamos para nos munir para a cartografia, considerando que a postura do cartógrafo e a forma como pensa experimentar esse processo ganha especial conotação (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012).

A primeira característica do beija-flor da qual nos inspiramos foi o seu voo. Existem diversas maneiras de voar, bem como espécies de aves, assim como diversas formas de cartografar e ser cartógrafo. Os beija-flores têm a habilidade de voar para frente, para os lados, para baixo e para cima, sendo um dos poucos que conseguem manter um voo pairado (sustentando-se suspensos no ar) e as únicas aves capazes de voar para trás. Pousam quando cansados, justamente porque gastam energia em demasia ao voar, não podendo parar de bater as asas quando aéreos.

Guiamo-nos por Deleuze (1996) a respeito do processo cartográfico, reforçando a pertinência de se colocar sobre as linhas que compõem e conduzem o transitar no desconhecido: o trabalho no terreno. Também por Rolnik (1987) ao estimular a invenção dos procedimentos do cartógrafo conforme aquilo que os encontros suscitam. Ou seja, uma facilidade e rica variedade movente para sustentar o deslocamento ou repouso cartográfico, o que permitiu acompanhar diferentes processos em diferentes direções e velocidades.

A segunda característica do beija-flor que buscamos inspiração foi a delicadeza do seu corpo e da sua presença, justamente por isso que o seu voo é possível. Das variadas espécies no mundo, as composições de asas e de bicos são diversas e têm implicações no seu acesso a alimentação e no seu deslocamento. Alguns chegam a produzir sons diferentes quando voam, conforme o tamanho da sua asa e o ritmo do bater delas. Portanto, a dimensão do corpo se faz pertinente no seu percorrer de mundo.

Da mesma forma, no processo cartográfico o corpo do cartógrafo ganha importante dimensão como espaço de vivência das intensidades. Aqui acreditamos residir um dos aspectos fundamentais para pensar toda a possibilidade da cartografia. O potencial da afetabilidade do corpo do cartógrafo no encontro com outros corpos ao longo da trajetória e no deslocamento desencadeante, ou não, a partir da experimentação de outros olhares na produção de imagens fotográficas.

Partimos da perspectiva de Spinoza em que todo corpo haveria de ter um certo grau de potência, um certo poder de afetar e ser afetado de modo diverso, a partir da sua constituição e das relações que estabelece com outros corpos, nos encontros com o mundo (PELBART, 2008; PEIXOTO JUNIOR, 2009; BARBOSA, 2020). Assim como o beija-flor que consegue acessar algumas flores pela anatomia do seu bico ou pelas intervenções do zunido de seu bater de asas. Hur (2016, p. 219) nos diz que “ser afetado corresponde a ser preenchido por afecções”. Tem-se, portanto, na afecção o efeito imediato de um corpo sobre o outro na experiência sensível e, a partir dela, uma experiência de expansão ou retração da potência da existência do corpo, o afeto estimulado pela respectiva afecção. Da afecção e do afeto residem alternativas interessantes para pensar a maneira como os corpos se relacionam pelos múltiplos encontros (BRAZÃO, 2018).

Para que um corpo se mantenha compenetrado à sua capacidade de ser afetado, é preciso a sustentação de uma certa permeabilidade (PELBART, 2009), uma certa abertura e disposição para os encontros com as alteridades dos outros corpos. Talvez próximo, inclusive, do que Rolnik (1987) se referiu sobre a qualidade do corpo vibrátil do cartógrafo na relação com as tensões que surgem no processo cartográfico. No entanto, não se tem de antemão a dimensão do grau de potência, sendo essa sempre uma via de conhecimento pela experimentação (PELBART, 2008). Assim, um corpo deixaria de ser entendido como substância, mas sempre um devir afetivo e relacional.

A terceira característica da qual surgem inspirações no beija-flor é a sua qualidade de iridescência, ou seja, da reflexão das suas cores. O brilho das penas dessa ave é proveniente da reação das mesmas à luminosidade, à umidade e ao ângulo de visão de quem o enxerga, e não de sua pigmentação. Nota-se, então, uma ponte interessante entre a forma como se percebe a figura do beija-flor com a maneira como seu corpo ocupa o espaço e se coloca perante as qualidades físicas da luz. É dessa relação que ele se faz.

Ao contemplar a visão, o olhar, as imagens fotográficas e as relações possíveis apresentadas no percurso cartográfico, algo dessa qualidade também se pretende presente pela intencionalidade de escrever o trabalho pela palavra, mas também pela

luz. Complementar a essa ideia, Deleuze (1996, p. 72) atentou que “a visibilidade numa dada época é o regime de luz, o resplandecer, os reflexos, os relâmpagos que se produzem pelo contato da luz com as coisas”.

Por fim, mas não menos importante, a quarta característica do beija-flor diz respeito à sua capacidade de polinizar. Uma das preferidas alimentações do beija-flor é o néctar das flores. Ao voar de uma a uma, carrega no seu bico pólen que auxilia na reprodução das plantas. Logo, ao buscar alimento causa efeitos por onde passa. Da mesma forma entendemos que ao experimentar os múltiplos encontros possíveis, o cartógrafo se pretende atento aos afetos e demais elementos que pedem passagem, absorvendo os nutrientes que alimentam o processo cartográfico (ROLNIK, 1987).

### O cotidiano urbano como território

Como descrito anteriormente, a partir da vivência da perda parcial e temporária da visão, de uma conseqüente transformação na maneira de olhar para a vida e no desejo de constituir imagens memórias, o foco atencional voltou-se lentamente para os pequenos detalhes. O cotidiano assumiu protagonismo como possibilidade de encontros, disparador de afetos e de problematizações. No entanto, há o desafio de conceitualizar tal espaço, considerando sua inerente multiplicidade infundável. Podemos ensaiar alguns sinônimos como: instantes da vida diária, o trivial, o banal, o ordinário ou até mesmo o mundano. Todavia, tais noções tendem a reducionismos, isoladas e simplistas ao restringirem e engessarem as potencialidades que se colocam nos acontecimentos do dia a dia.

Assim sendo, partimos do entendimento do cotidiano como um território “efêmero, incontrolável, caótico e imprevisível”, em que todos estamos mergulhados, estruturando “redes de fazeres saberes tecidas pelos sujeitos cotidianos” (FERRAÇO, 2007, p. 77). Permeados por processos de subjetivação que visam organizar, controlar e consumir a vida, é na experiência cotidiana da ocasião que temos a chance de romper com tais lógicas e inventar outras possibilidades, como o encontro com a figura do beija-flor. Certeau (1998) definiu práticas cotidianas como artes de fazer, em que os sujeitos cotidianos, nas suas variadas e criativas atitudes, discurso, gestos e movimentos, vão desviando das normas. Logo, se apropriando dos espaços sociais e seus produtos, criando brechas instituintes no interior do sistema (SOUZA FILHO, 2002). Portanto, tem-se no cotidiano um amplo território para pensarmos micro resistências e micro liberdades em uma (re)tomada do espaço comum (DURAN, 2007).

Porém, estamos a tratar do cotidiano que acontece em uma localidade específica, na região metropolitana de Porto Alegre, a cidade de São Leopoldo. Não existe neutralidade quando se trata de ambiente. Esse sofre atravessamentos sociais, tecnológicos, econômicos e políticos. Existências transpassadas por lugares e tempos de trabalhar e de se divertir, de produzir e de descansar, de se ocupar e de relaxar, de acelerar e de frear, de ver e desavistar. Dessa viciosa divisão se integram reconhecíveis e diferentes formas de produção de vida, considerando que os espaços geram maneiras próprias de vivê-los. O jeito como se estruturam e se organizam as cidades, por exemplo, em função, principalmente, do trabalho humano, é uma das vias de apropriação e exploração dos afetos (MANSANO, 2017). Sendo assim, atentar-se aos agenciamentos produzidos nos centros urbanos parece ser fundamental quando pretendemos pensar sobre a vida que se constitui no cotidiano da cidade, sem cair nas armadilhas de qualificá-la como boa ou ruim, mas problematizá-la criticamente (ARTTE, 2012).

A cidade poderia ser entendida, inicialmente, como um ambiente de habitação, circulação, ocupação e transformação humana, variando de tamanho, distribuição, população, construções e instituições (SANTOS, 2022). Apresenta uma multiplicidade de possibilidades de encontros pelo seu aspecto integrado, sistêmico e diversificado. O desenvolvimento da sua organização espacial e estilística produz modos de sociabilizar, de transitar, de produzir e de consumir, ao ponto de inculcar maneiras específicas de sentir, de fazer, de pensar, de ser e estar no mundo (SOARES; SANTANA, 2007). Logo, sua estrutura configura um engenhoso aparato de produção de processos de subjetivação, ampliando, nesse sentido, a comumente definição de um simples lugar para um complexo agenciamento existencial (GUATTARI, 1992; SILVA, 2012).

A experiência de viver em cidade que produz e é produzida, também, por um modo hegemônico de observar que se estende a um modo hegemônico de ser. Tomá-lo não somente como qualidade da percepção, mas principalmente como uma prática de implicação e como uma questão de um poder de ver (HARAWAY, 1995).

### Ensaçando outros voos

Quais medidas de atenção estão em jogo quando é o encantamento que escolhemos como direção? Suspeitamos que o caminho a seguir seja pela mistura com o imprevisível, não pautado por uma aleatoriedade ocasional, mas por uma exploração ética e política das implicações do corpo e da vida com os esbarros experimentados no percurso (MANSANO, 2016). Da experiência de transitar como um processo ininterrupto e errante de colheita de sinais, piscadelas de olho e sobres saliências, quando menos se espera (CALVINO, 2001; BAPTISTA; FERREIRA, 2012).

Cada traçado se compõe e descompõe a partir de uma sensação de constante estrangeiro, cujo olhar é próprio de alguém que recém chegou e consegue estar sensível ao que aos outros já parece ordinário. Um estranhamento diário nas descobertas em novos trajetos e em outros antigos percorridos, mas de alguma forma novos também.

Ecoamos sobre essa separação entre ambientes construídos do espaço urbano e ambientes ditos “naturais” ou considerados menos artificializados. Demarcações que permitem a concepção de repartições entre o que se concebe por natureza e cultura, meio ambiente e humanidade. Nesse sentido, é preciso enfatizar a importância de pensar transversalmente as interações.

A maioria dos centros urbanos se organiza de forma que sua área central possui uma melhor composição quanto às possibilidades de infraestrutura, conforto e bem-estar, enquanto as bordas perecem com condições mais precárias de habitação e acesso a recursos básicos (KOPENAWA; ALBERT, 2015). Uma lógica de apartamento e fragmentação que localiza privilégios e divisões entre os cidadãos, bem como induz modos de morar e de estabelecer relações uns com os outros e com a própria cidade (SOARES; SANTANA, 2007; DESPRET, 2016). Assim, reforça-se relações de desigualdades atravessadas por marcadores como classe social, raça, gênero e religião, por exemplo (SANTOS, 2022).

As grandes cidades, devido à abundância demográfica e às subsequentes demandas para suprir suas necessidades materiais, devastaram a natureza de seu entorno, relegando-a a lugares específicos em sua espacialidade. Gradualmente, ecossistemas compostos por florestas, animais, rios e outros componentes territoriais que faziam parte das localidades urbanizadas foram afetados por um processo de desaparecimento que acentuou a concepção de separação entre ser humano e meio ambiente (LEFF, 2002). Por conta disso, Kopenawa e Albert (2015, p. 430) referiram-se às cidades atuais como

um “amontoado de montanhas de pedra”, onde os humanos vivem “empilhados uns sobre os outros” e onde se desloca, preponderantemente, de forma “muito depressa” e em “todos os sentidos”. Devido à agitação, apontaram que os cidadãos teriam um pensamento confuso e emaranhado por excitações e aflições constantes, de modo que nas cidades:

Anda-se depressa no meio de desconhecidos, sem parar e sem falar, de um lugar para outro. Eles estão sempre impacientes e temerosos de não chegar a tempo a seus empregos ou de serem despedidos. Quase não dormem e correm sonolentos durante o dia todo. Só falam de trabalho e do dinheiro que lhes falta. Vivem sem alegria e envelhecem depressa, sempre atarefados, com o pensamento vazio e sempre desejando adquirir novas mercadorias. Então, quando seus cabelos ficam brancos, eles se vão e o trabalho, que não morre nunca, sobrevive sempre a todos. Depois, seus filhos e netos continuam fazendo a mesma coisa (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 436).

Inseridos e subjetivados por essa lógica da aceleração, seus olhos estariam sempre vigilantes e seus corpos tensos. O que Mansano (2017, p. 1) definiu como “deslocamentos desgastantes” de corpos “cansados e exauridos”.

Encorajamo-nos a contar, criar relatos na primeira pessoa do singular, sobre o que foi vivido e segue vivo, seja na presença da palavra quanto da luz. Afirmar histórias como frutos de amarrações entre experiências significativas que vão afetar a forma de olhar e pensar o mundo, a partir dos vínculos criados com os elementos observados e contados (DESPRET, 2016). Nesse sentido, as vivências cotidianas facilitaram apostas experimentais e fragmentos que traduziram possíveis pistas que colocamos em relação no plano da criação, para ensaiar outros olhares possíveis sobre determinados sistemas visuais que operam “tecnicamente, socialmente e psiquicamente” (HARAWAY, 1995, p. 22).

Ressaltamos que não se pretendem proposições de verdades absolutas, porém serem concebidas justamente a partir desse movimento expansivo da infamiliaridade e do encontro como possibilidade de salientar aspectos singulares de determinadas ventanas. Janelas que permitem que outros ares nos toquem. Pesquisar, assim, não o regular, mas o irrepitível e o heterogêneo que se dão no processo e não no ponto de chegada (MORAES, 2012).

### Cidade dos céus

*Era um dia de semana qualquer. Em meio a um despertar matutino ocasionado pelo chamado de minha gata, resolvi olhar para o céu. Meus olhos sempre foram atraídos por ele. De um lado a Lua brilhava intensamente e, divididos por uma nuvem espessa, o Sol já nascia no horizonte ao leste. Pela peculiaridade do momento que compõe essa cena, ao final de um dia próximo, fotografei o pôr-do-sol com a inversão das luzes do raiar da manhã, mas atendendo semelhantemente às composições do encontro entre mim, o Céu, o Sol e a Lua.*

Inauguramos, então, a primeira pista. Dividimos com o leitor a ideia de que estamos todos enredados em certos modos de olhar que ditam o que olhar e como fazê-lo. Dessa maneira, estamos a tratar de um regime de visibilidades, justamente por considerar o que está para ser visto e o que não está para ser visto pelo olhar, a partir de uma importância atribuída por um sistema de valores. A primazia do olho

experienciado a partir de um certo direcionamento do seu foco em âmbitos específicos de captura. Produção de um sistema visual que, nos seus limites, produz também um sistema de invisibilização. Hierarquias de importâncias e desimportâncias a serem sensibilizadas e, portanto, subjetivadas. Consequentemente, não podemos considerar esses processos sob uma perspectiva descontextualizada, mas sempre em uma relação com um sujeito observador que é, ao mesmo tempo, um sujeito histórico. E “cada formação histórica vê e faz ver tudo o que pode, em função das suas condições de visibilidade” (DELEUZE, 2005, p. 58).

Crary (2012) apresentou interessantes colocações que podem nos auxiliar a pensar sobre a conjuntura contemporânea em que sujeito e sua visão se constituem mutuamente atravessados pelas forças produzidas por sua época. O autor nos diz que só é possível observar aquilo que se encontra dentro de um repertório de possibilidades pré-estipuladas a partir de determinados costumes, práticas, normas e hábitos. Esses, por conseguinte, estariam conectados a certos discursos constituídos no tecido social de modo a configurar e reconfigurar nossos deslocamentos, como nos comunicamos, produzimos, pensamos e consumimos.

Concebe-se um regime de visibilidades que propõe homogeneizar os sujeitos observadores de modo que seja facilitado a gestão da sua vida. Produção de olhares e subjetividades previsíveis, produtíveis e autônomas. Nesse sentido, diversas instituições, como o campo da tecnologia, ciência, militar, midiático, industrial, colonialismo, capitalismo e gênero, tornam-se referenciais para pautar o que é relevante de ser visto e o que é passível de ser ignorado. Ao mesmo tempo, as instâncias elencadas desenvolvem instrumentos de visualização que intervêm e mediam perspectivas, concomitantemente, incrementando os modos de olhar (HARAWAY, 1995; GUATARRI; ROLNIK, 1996; CRARY, 2012).

Os desdobramentos subjetivados pelas visualidades afetam um devir urbano e nos colocam em relações proximais com certos corpos, ao mesmo tempo em que nos afastam de outros. No caso, nos separando de um mundo considerado “natural” no antagonismo de um mundo artificial construído pelos e para os humanos, tendo nos lugares urbanos o seu habitat por excelência (SANTOS, 2022). Sob essa lógica, atravessados pela gestão das possibilidades visuais, nos inebriamos afetivamente e visualmente frente às coexistências do mundo, reforçando a segmentação entre “nós” e “eles” a um nível de produção de sentidos.

Como o Sol e a Lua dessa pista visual que nos referimos, é possível realizar ponderações da ideia que se produz sobre a divisão que propomos. Tanto o Sol quanto a Lua parecem ter seus momentos em evidência. No entanto, apesar de não vermos o Sol à noite e, dificilmente, vermos à Lua durante o dia, ambos permanecem no céu. O que ocorre é que nosso olhar, na grande maioria das vezes, não percebe essa relação e muito menos busca por ela, pois tem-se no Sol a representação plena do dia e na Lua a da noite.

Obviamente que, devido às características físicas dos processos rotacionais do nosso planeta e dos demais elementos que aqui apontamos, as condições ópticas dificultam essa elucidação, pois as suas presenças visuais não estão efetivamente nos campos de observação. No entanto, tais astros assumem outras possibilidades de afetar e serem afetados que não inviabilizam completamente a consideração das suas companhias celestes. É preciso demarcar que, a luz que nos chega e denuncia a imagem da Lua é um reflexo da luz emitida pelo Sol e a imagem esmaecida da Lua durante o dia registra a presença simultânea de ambos os corpos nesse turno. Inevitavelmente, esclarece-se o aspecto das existências concomitantes. Algumas francamente às vistas pela sua imediatez, outras praticamente apagadas que exigem uma sensibilidade pensante



para interpretar as próprias percepções, problematizar os hábitos de olhar por outras temporalidades mais contínuas e menos fugazes (CALVINO, 2001).

Há sempre algo em evidência e algo velado, pretendido pelo modo como se olha, de forma que um ponto de vista é sempre uma “política de posicionamentos” (HARAWAY, 1995, p. 27). Frente a isso, Arte (2012) atentou para um prisma visual que persiste em se fazer dominante na atualidade. Propôs, então, um descentramento do olhar que possa, assim, inventar e experimentar reconfigurações urbanas e seus respectivos pontos de vista provisórios ainda não explorados. O que, por sua vez, implica errar pela cidade por uma intencionalidade de reconhecer no campo das visualidades “o plano do incomum, com a investigação do que as coisas ínfimas do cotidiano da cidade têm a nos dizer sobre os impasses de viver nas cidades” (ARTTE, 2012, p. 211).

### Cidade dos animais

*Um certo dia da semana, enquanto deixava o local em que trabalho, me deparei com um rápido desvio dos olhos e enfoquei o toldo que protegia a porta da saída. Dificilmente lançaria minha cabeça para cima, assim que coloco os pés na rua. Nos espaços urbanos, a máxima do olhar frontal e o cuidado aos movimentos são reforçados, precisamente pelo reiterado discurso de que a cidade oferece perigos.*

Mansano (2016, p. 56) indicou que “o espaço urbano está cada vez mais marcado por medo, desconfiança e ameaça”. Por esse motivo, utiliza-se de sua estrutura pública unicamente para o deslocamento de um ponto a outro, onde a sensação de

Figura 1 – Cidade dos céus. Fonte: Registrada pelo autor.

segurança parece residir. Com isso, constata-se uma “despotencialização de uma vida compartilhada” (MANSANO, 2016, pp. 56-57), esvaziando o aspecto coletivo e político de experimentar a cidade e os encontros possíveis ao habitá-la de modos que não apenas uma passagem entre dois destinos. Logo, reflexões com aspectos ambientais e ecológicos se desfazem do âmbito comunitário, pois a própria preocupação com os territórios perde a sua relevância.

*Ao mirar para o teto de lona transparente, no acaso do movimento que meu rosto fez ao descer as escadarias, percebi o registro de pegadas sujas de gatos. Resolvi documentar tal encontro com as marcas de vida que passaram inesperadamente por ali. No mesmo instante do ato fotográfico uma pessoa transitou por debaixo do toldo e deixou sua presença na imagem. Nesse momento, dei-me conta de que um mesmo lugar pode ser espaço de trocas e de diferentes formas e existências. Um único local pode convergir diversos locais. Percebi já uma outra cidade em São Leopoldo. Outras cidades.*

Não mais um habitat preponderantemente humano, mas uma comunhão interespecies. Assim, encontramos a cidade escondida dos animais como uma segunda pista. Escondida pois se escondem de nós e escondia porque a escondemos. Esses corpos e seus vestígios que se mantêm ocultos por determinados horários do dia e da noite, tanto por características próprias de seus hábitos como também da nossa presença em suas vidas que se faz, na grande maioria das vezes, violenta e predatória. São poucos os encontros em que não fogem, não abaixam a cabeça, colocam a cauda entre as pernas, atravessam as ruas e evitam se aproximar. Despret (2016) sugeriu que, diante de tempos difíceis para a problemática ambiental, façamos então o movimento de formar novos vínculos e narrativas, baseados em outras interações com os animais, o que ela chamaria de uma “ecologia da atenção e do tato”. Esses laços, por sua vez, admitem outras possibilidades relacionais mais complexas, tecidas sempre juntas.

Kopenawa e Albert (2015) relacionaram o crescimento demográfico e a expansão das cidades como fatores contribuintes para o desflorestamento de suas localidades, o que implicou em uma redução da vida animal em seus territórios. Nesse processo, alguns seres passaram a ser domesticados, outros criados para prover insumos, e outros guardados mortos “em caixas de vidro”, para que “pudessem contemplá-los como lembranças” (KOPENAWA; ALBERT, 2015, p. 405).

A crueldade e a indiferença são marcas das nossas relações com os devires animais na atualidade. No entanto, consideramos relevante retomarmos algumas experiências relacionais entre humanos e animais, a fim de qualificar a crítica instaurada pela presente pista. Deleuze e Guattari (1997) reforçaram o quanto os animais fazem parte do repertório dos nossos sonhos, da arte, da poesia, dos mitos e, inclusive, como objetos do campo científico. Ao apreciarmos a arte rupestre, por exemplo, é possível identificar que a grande maioria das imagens opera sobre a representação de animais, salve algumas poucas exceções em que figuravam presenças humanas. Geralmente, tais animais eram retratados com imponência e admiração. Ostrower (1988) defendeu que, para os vivos daquela época, bisões, cavalos, cervos, leões, entre outros, portavam habilidades e qualidades admiradas, ao ponto de servirem de inspiração e formas de identificação com seus ancestrais. Além disso, o autor elucidou que nem todos os animais eram pintados nas paredes das cavernas, mas apenas aqueles que eram objeto de caça, o que poderia indicar o respeito pela vida desses seres necessários para a sobrevivência.

Mariano e colaboradores (2011) contextualizaram que, ao viver de forma nômade em sua fase primitiva, a dependência do homem à natureza era total pela necessidade de alimentação. Com o desenvolvimento de habilidades para se adaptar ao meio ambiente,

seus hábitos lentamente se modificaram. Segundo os autores, o sedentarismo inaugurou a ideia de controle do homem sobre a natureza, bem como a capacidade de se alocar em lugares por tempo indeterminado.

As mudanças nas subseqüentes sociedades, dos meios e modos de produção industrial e tecnológica, dos modelos econômicos e de consumo, dos diferentes paradigmas da ciência, do êxodo rural e das migrações, bem como da globalização, impactaram em uma desconexão subjetiva entre ser humano e natureza (MARIANO et al., 2011; ALHO, 2012; SANTOS, 2017; DOSS et al., 2018). O que, por sua vez, transformou as interferências do primeiro no segundo, promovendo uma relação de dominação, agressão e controle sobre as outras vidas não humanas.

A ciência moderna, por sua vez, produziu discursos, saberes e forças sobre os animais, impactando diretamente nas relações sociais destes com os seres humanos. A partir dos estudos evolutivos nota-se claramente uma atribuição de sentidos pelos quais os animais se expressavam com finalidades específicas, dotados de iniciativa, intenções estéticas, senciência, habilidades e vontades. Com a adoção de um modelo mecanicista biológico, as ações e reações animais passaram a ser compreendidas sobre uma perspectiva automatizada e sujeitas às leis sistematizadas da natureza. Consequentemente, ao cientificizar o conhecimento sobre os animais, retirou-se deles um saber comum, de modo que perderam, assim, algo antes essencial na relação com os seres humanos: a possibilidade de surpreender e fazer interrogar (DESPRET, 2018). Tudo segue conforme o que está estipulado pela ciência e perde a sua imprevisibilidade diante de nossos olhos.

O afastamento do mundo natural faz com que não se perceba e não se visualize a situação atual como uma crise, o que intensifica nosso olhar predatório para as demais manifestações vivas. Como se os problemas de ordem ecológica e ambiental colocassem em risco apenas habitats menos urbanizados e afastados das cidades. Como a ampla variedade dos elementos naturais não constituem mais claramente as paisagens urbanas, o problema ecológico se torna, assim, invisível. Não apenas não vemos como operamos pelo seu desaparecimento (KRENAK, 2020).

Mantém-se relações utilitárias de exploração, de apropriação, de discriminação, de destruição, de produção e de consumo em nome de um progresso e do desenvolvimento. Ocorrem de maneira constante, ilimitada, desordenada e insustentável, modificando seu lugar no mundo e gerando importantes repercussões na degradação ambiental e desequilíbrios ecológicos. Leff (2002) dialogou no sentido de que as progressivas investidas na natureza, sob uma lógica acelerada do mercado que visa acumular bens, impuseram uma temporalidade com a qual os ecossistemas não conseguem lidar, de modo que a ação humana tem alterado profundamente o processo evolutivo do planeta. Por conta de uma visão mecanicista do mundo, nossos estilos de vida ignoram os limites da natureza. O autor atentou que a crise evidente em questão não seria uma problemática ecológica, mas principalmente de ordem social.

O cenário urbano parece não proporcionar oportunidades condizentes com uma proposta de rever tal cenário em relação a tais questões. Pelo contrário, produz entraves que impedem a circulação de outros afetos que não os arquitetados pelo sistema vigente.

Diante dos problemas básicos a serem enfrentados cotidianamente pela população urbana, que está bastante preocupada com a própria sobrevivência (na busca por emprego, moradia, segurança, saúde e educação), as práticas de cuidado com a natureza ficam em segundo plano. Somadas a esse distanciamento, as exigências advindas do



campo profissional, que envolvem, entre outros aspectos, o tempo, a energia, o conhecimento, a criatividade e o afeto do trabalhador, acabam por dificultar uma análise mais crítica e situada do que estamos fazendo com a natureza e, por extensão, com as relações sociais e afetivas experimentadas nas cidades (MANSANO, 2016, p. 50).

Não estamos a tratar isoladamente de uma exploração territorial a nível ambiental, mas simultaneamente existencial, com captação e esvaziamento de recursos concretos e subjetivos, impactando todas as formas de vida no planeta (GUATTARI, 1990; 1992). Somos desafiados de todos os lados por uma dinâmica de atualização sutil e complexa, muitas vezes esmaecida ao ponto de se tornar invisível no cotidiano urbano. Rolnik (2019, p. 28) complementou a discussão ao tentar designar uma “cafetinação” da vida, expondo às vistas os fluxos engendrados por essa estrutura dominante, dominada e dominadora que pretende explorar as forças potentes criativas não só da vitalidade humana, mas também das outras formas de vida não humanas. Por conseguinte, tais apontamentos fortalecem a pertinência de considerarmos as relações com os animais e outros seres sob ópticas menos totalizantes e suscetíveis às afetações imprevisíveis dos múltiplos encontros no devir urbano.

## Cidade dos seres pequenos

*Durante o processo de carto(foto)grafar, contagei-me com o novo coronavírus. O impacto da COVID19 colocou em suspensão diversos aspectos que estruturam a vida dos humanos e que se demonstram insustentáveis com um desejo por um futuro. A COVID19 retomou a falsa ideia de uma suposta separação entre seres humanos e os demais seres como uma categoria a parte e de seu controle sobre o mundo natural. A doença evidenciou que não estamos separados dos outros seres.*

Ficar recluso e estar sujeito a algo que vem de fora e invade nossos corpos (os seres pequenos, ao ponto de invisíveis à nossa percepção) com tamanha repercussão demonstra o quanto estamos em constante troca com os ambientes e as outras existências. Na impossibilidade de circular pela cidade e coletar dados afetados, justificado pelo isolamento necessário durante o período de quarentena, o ambiente residencial se tornou o único cotidiano possível. O encontro com os insetos proporcionou, igualmente, reflexões pertinentes para pensar nossas relações com os demais seres pequenos e com a natureza nos espaços urbanos para além do que está posto.

*Em uma tarde, sentado na cama, em repouso pelo mal-estar instalado pela COVID19, recebi a visita de um mosquito em meu braço. Meu ímpeto foi de levar minha palma esquerda sobre a região para evitar que me picasse. Nesse instante, decidi ficar imóvel e notar como ele iria se comportar, afinal, não me recordo se algum dia apreciei uma companhia assim. Adotamos, novamente, as considerações de Despret (2016) sobre uma “ecologia da atenção e do tato”. Uma ética por novos laços humano-animais, creditando-lhe a possibilidade de intenções em seus atos e as transformações conjuntas reverberantes que nos ensinam novas maneiras de ser e de recuperar a potência experiencial de afetar e ser afetado.*

*Surpreendentemente, permaneceu igualmente estático. Independentemente do que ele poderia ter feito, se ingerido sangue ou apenas pousado descansado. Naquele momento, estávamos dividindo um corpo. Para mim, uma ideia de ser individualizado, de um corpo unicamente meu. Para ele, potencialmente um alimento ou local de estadia. Inquietamo-nos sobre a falsa ideia da primazia do indivíduo, a qual fica clara no relato, como uma propriedade de si que tangencia, também, nossas trocas com o meio ambiente, principalmente, nas cidades.*

Reconhecemos a produção de uma subjetividade que Guatarri e Rolnik (1996) abordaram como uma fabricação possível de se alastrar por todo o tecido social e suas instâncias, não apenas unicamente no sujeito, denotando formas de perceber e de se articular com o mundo. Os autores preconizaram que uma pluralidade de agenciamentos está em atuação na composição de um indivíduo terminal, foco consumidor dessa produção de subjetividade que se sustenta por uma apreensão e apropriação do desejo. A noção do indivíduo mantém a estrutura que organiza o sistema em que está inserido, sem enxergar outras realidades que não importantes para esse enredo. Logo, produz-se cada vez mais individualizado.

Afastado por olhares e modos existenciais desincorporados em uma sociedade fragmentada, ao mesmo tempo em que próximo dos outros indivíduos, segue mantido isolado em si. A construção do indivíduo enquanto figura representante de um modelo de existência disciplinada, controlada e manipulada por uma estrutura de poder, encurrala às existências humanas em uma lógica mercantilista e liberal, relegando qualquer cuidado e solidariedade para as relações entre as próprias e para com as existências não humanas (DÁVALOS, 2010).

Por sua vez, no plano concreto questionamo-nos sobre a noção individual e unitária, já que somos um sistema de outros seres, pequenos e invisíveis aos nossos olhos. Pensar que a bactéria que habita nosso corpo, o mosquito ou o vírus que precisa de algo que consideramos nosso para sobreviver reforça o quanto estamos conectados, cada qual como um microcosmo, corpos feitos como mundos microbiológicos. Assim, somos seres multiespécies (KRENAK, 2021). Somos comunidades integradas que integram outras comunidades. Portanto, sempre coletivos.

Ponderamos, assim, uma terceira pista. Temos a sensação de que são poucos aqueles com os quais efetivamente estabelecemos laços e pelos quais deixamos ser tocados. Há o risco de ser picado, de ser deixado sujeito às demandas de um outro corpo na interação que pode nos colocar em situação de perigo. Há, também, um certo reflexo de modo de ser que nos pretende mais usuários de outros corpos do que meios de consumo. Se tomarmos, por conseguinte, que a maioria das relações humanas para com a natureza se constituem por lógicas de produção e consumo, a vida alheia à humana se torna um produto a ser apropriado e vendido.

“Existem espécies matáveis?”, se indagou Despret (2018, p. 89) ao refletir sobre questões similares às que elencamos. A autora fez uma relação entre a contabilidade de registros de vidas humanas perdidas anualmente e o registro de vidas animais para consumo humano, mas que nem por isso deixam de constituir-se como animais. No caso das vidas humanas, a contabilidade se fez por número absoluto que corresponde aos indivíduos que faleceram em determinado período. Já no caso das vidas animais, muitos países adotaram um sistema de quantificá-los por quilogramas ou toneladas. As mortes humanas se individualizam por um fator de dignidade e porque facilitam a identificação de fatores epidemiológicos associados com fins de investimentos em políticas públicas. Os animais, por sua vez, pesam. É mais fácil para realizar o levantamento de produção, custos e lucros. Ela sinalizou, ainda, que as maneiras de enunciar ratificam as maneiras de se fazer e de ser, de modo que estamos a nos dessensibilizar em relação às vidas animais. Além disso, retiramos do espaço urbano qualquer lembrança que evoque a sua presença, deslocando ambientes como abatedouros para regiões afastadas. O resultado é o que ela chamou de uma “desanimalização” do animal. Práticas de ocultamento e esquecimento de tudo que poderia nos lembrar sobre a sua existência como um ser vivo.

Não há uma convivência, um viver em conjunto, mas um viver sobre o outro e pelo outro como justificativa de uma perspectiva individualista e da preservação dos modos de viver baseados nessa lógica predatória. Faz-se necessário, então, desfazer certas concepções que justificam as ações humanas sobre o planeta. É preciso demarcar que as evoluções das espécies não se deram unicamente pela dinâmica competitiva de luta pela sobrevivência do mais adaptado, premissa que sustenta a permanência do ser humano como detentor, por merecimento, de um lugar privilegiado. Se estamos aqui, hoje, é por uma longa história coevolutiva de variadas espécies, cujos principais responsáveis por essa autoria foram as populações de micro-organismos (STENGERS, 2015). De forma que os grandes movimentos evolutivos não se deram pelas disputas, mas o estabelecimento de uma complementariedade. Ángel e Ángel (2002) atentaram que, de acordo com ecologistas, a natureza é fruto de uma ordem harmoniosa de relações entre diferentes seres, onde cada qual tem um lugar insubstituível. Assumir esse viés destrói a lógica individualizante e competitiva e reforça que o futuro é composto coletivamente.



### Cidade das plantas

*A rua em que se situa a empresa em que trabalhava é uma via tradicional no município. Por esse motivo, existe um número considerável de residências antigas, datadas de mais de um século atrás. Muitas dessas residências possuem aberturas em seu porão com acesso direto à calçada. São pequenos espaços construídos de tal forma que permitem arejar o ar e evitar que se concentre umidade do solo, o qual passaria para o piso. Mudanças tecnológicas inovaram os materiais disponíveis e processos na construção civil, de forma a alterar a arquitetura da cidade. Hoje, as residências não são construídas dessa forma e tais buracos foram tapados ou instaladas pequenas telas que protegem da entrada de sujeiras e animais.*

*Outro dia, seguindo nesse caminho até o trabalho, me deparei com uma existência notadamente chamativa. Pelo menos agora, para meus olhos destreinados e desviantes. Notei que, desse espaço reservado para a função de adaptar a convivência humana à natureza, outra presença se fazia ali. Uma robusta e vistosa planta verdejante brotava da abertura de uma casa e, pelas grades, buscava espaço até a rua. À procura de luz e de melhores condições de vida para si, a vegetação rompeu com o planejamento arquitetônico e resistiu. Mostrou-se forte, justamente, onde menos se esperava que ela sobrevivesse. Havia na sua existência uma presença que nos colocou a contemplar uma quarta pista.*

A vegetação que cresceu ali lançou o olhar para tantas outras que compõem os caminhos e as construções urbanas. Uma multidão de plantas, grandes e pequenas, chamativas e reservadas, na cidade que as propõe um lugar específico. É na sua

Figura 3 – Cidade dos seres pequenos. Fonte: Registrada pelo autor.

presença moldada que mais interessa à urbanização, tendo nas folhas e frutos caídos, nos galhos e raízes desformes os seus objetos de rejeição. Tidas como sujeira, como obstruções de vistas de prédios e ruas, o controle artificial da vegetação expõe um caráter higienista nas paisagens urbanas e se ignora o fator fundamental de tais presenças para uma diversidade de outras vidas que buscam nelas a manutenção da sua existência.

Leite (2022) expôs que, no processo de ajardinamento urbano, criam-se trajetos que indicam por onde andar pela cidade, onde descansar e o que apreciar. Modelam-se, então, espacialidades específicas para localizar a vegetação, de modo que as ações que se operam nessas configurações limitam a experiência a uma contemplação observacional. Pouco há para ser desfrutar ativamente, o que retrata uma noção de que na cidade, os lugares são planejados para determinados corpos e determinadas maneiras de experienciá-los.

*Após ser afetado por aquela vida brotada, retomei meu trajeto ao trabalho, inspirado para retornar e fotografá-la a fim de que sua presença se fizesse para além da rua, nesta pesquisa. Acontece que, de imediato não consegui fazê-lo. Quando consegui, finalmente, ir até o local para fotografar, fui surpreendido pelos seus restos e tomado por um luto paralisante. “Quem? Por quê? Como?” foram questões que não deixaram meu pensamento e meu corpo por um bom tempo. Assim eu entendi, na prática, que a cidade está em constante mutação e que todas as vidas, sem exceção, são capturadas por lógicas de aprisionamento e redução de sua existência se concebidas fora de um lugar padrão já estipulado para elas. Resolvi fotografar essa cena e, ao observar detalhadamente, tive um lampejo de felicidade. Percebi que outra companheira está buscando seu lugar. O que era casa, virou cova e agora casa, de novo. Uma esperança verde vem vindo ao lado daquela com quem tanto me vinculei e que, certamente, ao dividir o espaço com ela, consumir do mesmo solo, água e luz, carrega consigo e comigo inscrições do nosso encontro.*

Ao contrário dos animais que, na grande maioria, se ocultam das vistas humanas pelas experiências de maus tratos, as plantas não o podem fazê-lo. Pelo contrário, se impõem. São um exército de rebeldes que crescem em cada rachadura, canteiro e equina. Não pedem espaço, mas o fazem como efeito da sua existência. O que, por sua vez, contrapõe a ilusão de que, por estarem enraizadas e sem mobilidade, sejam incapazes de criar movimentos. Na sua anarquia esverdeada em tomar conta da cidade reside uma inspiração interessante para pensarmos subjetividades outras que desorientam a apropriação da vida.

Escapar à norma e às lógicas que enredam a existência demandam outras produções. Guattari (1990) propôs de pensarmos em linhas de reorganização das práticas e hábitos na vida cotidiana, de forma que seja possível revelar e discernir os dispositivos em jogo que estruturam a produção de subjetividade da qual viemos falando neste estudo. Em seguida, facilitar processos de singularização, os quais se constituem em contestação aos modos totalizantes de produção de subjetividade homogeneizantes. Estrear novos “modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 17) que consiga esfacelar a produção de subjetividade vigente, tal como proposto por esta carto(foto)grafia. Devires aquecidos pelos encontros com experiências transformadoras que combatam o constante aprisionamento dos afetos.

Munidos dessa atenção aos processos instituídos, seria necessário operar por rotas de experimentações, às quais se configuram como linhas de fuga que almejam existências outras, menos universalizantes. Guattari (1990) sugeriu que tais produções singulares pudessem ser cultivadas e parece-nos muito plausível relacionar tais ponderações com

as plantas que aqui são narradas. Como se esse processo contemplasse outras formas de alojamento, de fazer brotar onde se espera que seja apenas trânsito, passadouro, rua deserta. Construir diferentes jeitos e espaços de habitar, também, nas cidades da cidade.

Para viabilizar essas outras andanças por trilhas viventes e habitações singulares, é preciso assegurarmos a existência dos próprios territórios. Garantir que o mundo permaneça vivo. Propomos, por conseguinte, ampliarmos o olhar sobre a questão da sustentabilidade pelo viés de uma postura expressamente ética para com a vida, em que todos os componentes dos diversos ecossistemas sejam admitidos indispensáveis e cruciais uns aos outros. Inicialmente, isso implicaria romper com qualquer concepção de valor atrelada à natureza, constituída a partir de uma leitura mercantil, monetária e estratégica que atravessa as relações entre as vidas humanas e não humanas (DÁVALOS, 2010). Isso passaria por alargar a lógica individual de conservação, em que cada sujeito isoladamente é responsável pela preservação ambiental, de modo a estabelecer um novo contrato social que atualize tais propostas (MAYR, 2002).

Supor uma ética pela sustentabilidade da vida corresponde, também, na instauração de mudanças simbólicas em relação aos saberes e discursos produzidos relativos à tais questões. O que envolveria uma revolução na elaboração de conhecimentos e práticas, principalmente no que tange à ciência, à filosofia e à modelos estéticos (ÁNGEL; ÁNGEL, 2002). No contexto atual, a reforma paradigmática residiria na afirmação de relações de respeito e equilíbrio com a natureza, na viabilidade de outras cosmovisões e no entendimento de que todos os seres vivos estão interligados com os territórios, seus aspectos naturais e o meio ambiente como um todo (MANCHINERI, 2002). Requerer, com essa nova proposta ética, a insistência por outros devires urbanos.

Mansano (2017) fortaleceu a importância da sustentação do afeto, ao tratar de uma “sustentabilidade afetiva” como meio possível de ampliar a noção da sustentabilidade ambiental planetária. A autora conceitualiza essa expansão sustentável, compondo traçados a

[...] reconhecer e evidenciar o cansaço, a resignação, a conformação e a indiferença que marcam, de maneira tão acentuada, a vida urbana capitalística. [...] Precisamente nas ações do cotidiano que tornam possível experimentar outros verbos além dos que já são amplamente praticados pela subjetividade capitalística como consumir, descartar, explorar e lucrar. Ela se faz presente nas iniciativas microssociais que colocam em cena outras temporalidades para a existência, diferentes das tão propagadas agendas, prazos, metas e compromissos. A sustentabilidade afetiva acolhe o ouvir, o acarinhar, o rir ou chorar junto. Trata-se de uma espécie de “perda de tempo”, sob o ponto de vista capitalístico. Mas, ela cria as condições necessárias para que o corpo sensível possa aparecer, tocar e ser tocado (MANSANO, 2017, p. 3).

Nesse sentido, despertar o corpo para a afetação, escapando às normas que enredam a existência. Produções que ensejam outras coisas, outras vidas frente uma estrutura que impõe o excesso reducionista cada vez mais escalonado. Inaugura-se, assim, um rompante interessante para abrir novos caminhos, brechas, fraturas, onde se agenciam novos olhares e fazeres ensaiantes. Inventar, coletivamente, novos arranjos existenciais que podem reafirmar a vida em toda sua potência sensível.



### Considerações finais

Ao problematizar a questão dos regimes visuais, encontramos um olhar predominante engendrado por processos de subjetivação que produzem modos de vida. A partir da proposta de uma pesquisa experimental, tentamos praticar uma revisualização do cotidiano urbano e seus encontros com a natureza. “Excitar o invisível” para olhar além do que é oferecido aos olhos (NOVAES, 1988, p. 9). Discorrer sobre tal vivência é assumir que os efeitos da caminhada, para além dela mesma, produziram conteúdos passíveis de composição analítica relevantes e complementares.

Entendemos que o processo cartográfico em si, a escrita e as imagens fotográficas se pretenderam enquanto um conjunto de elementos que não poderiam ser descontextualizados uns dos outros. Conforme andava, fotografava. Conforme fotografava, ensaiava palavras que levavam a tentar uma escrita. Conforme se escrevia, percorria de outro modo. E assim ciclicamente. Por isso, andar, escrever e fotografar são verbos, aqui, complementares.

Enquanto repercussão da afetação de carto(foto)grafar a cidade na sua relação com a natureza, o visível e o invisível se apresentaram no momento presente dos encontros e, concomitantemente, nas imagens fotográficas. Leite (2022) afirmou que nos estudos sobre os espaços urbanos, em que a cidade opera como campo de exploração, para analisá-la é fundamental interpretá-la e imaginá-la. Flüsser (1985, p. 7), por sua vez, indicou que imaginar seria a qualidade de criar e ler imagens.

As fotografias desta pesquisa se constituem como “cacos estilhaçados” de narrativas, para além do aspecto representacional das experiências vividas, como vias de intersecção de pontos que inauguram histórias inauditas (RODRIGUES, 2012, p. 91). Considerá-las como acontecimentos, como momentos-tempo-espaço que viabilizam a interpretação das múltiplas forças atuantes (BRAGA, 2007). Delimitamos, dessa maneira, que as imagens criadas intentaram promover visibilidade às questões elencadas, de modo que as tomemos como processo vivo que possibilita a produção de pensamentos. Conceber, assim, que “a imagem é pensante” e não um mero objeto (SAMAIN, 2012, p. 158). As imagens fotográficas criadas destinam-se, portanto, a animar a pesquisa e a exercitar outros olhares. Um certo estilhaço, também, do modelo hegemônico de olhar.

O cotidiano citadino se apossou dos encontros que ele próprio apresentou. Um duplo e rápido movimento entre a produção de uma fálscia instigante e a sua inviabilizável apreensão pelos referenciais comumente partilhados. Desenvolvimento de um olhar sensível que nos colocava no mundo em relação com outras perspectivas. Um olhar, preponderantemente, incorporado e encarnado que repercutiu no uso diferenciado, inclusive, do instrumento produtor de imagens.

Apontar a câmera para cima, sentar-se na calçada, permanecer imóvel por tempo indeterminado, invadir a rua entre carros, caminhar devagar, chamar atenção dos transeuntes, trocar sorrisos, perder a noção das horas. Alguns dos efeitos interventivos (mesmo que sem a intenção) fundamentais para que tanto o ato de fotografar quando as imagens fotográficas pudessem investir na ampliação de suas redomas. Experimentar “a vida como um dom e o mundo como um lugar maravilhoso” (KRENAK, 2020, p. 59). Conseguir fazer do ato fotográfico uma prática de liberdade na cidade.

Colocar-nos a carto(foto)grafar de modo a tatear outras configurações de tempo e espaço na cidade permitiram a vivência de outros modos de habitá-la e, conseqüentemente, fotografá-la. Reconhecemos um certo jeito de ocupar os lugares, a partir da intenção de fotografar, que vai ao encontro das questões disparadoras dessa pesquisa.

Suspeitamos que não seja apenas uma questão de reparo, no entanto, de afetação entre nossos corpos. Dos múltiplos acessos em que afetamos e somos afetados mutuamente, sensibilizamos nossas existências um para o outro e experimentamos, juntos, vibrações e reverberações que intensificaram o plano atual e os encontros porvir (MANSANO, 2017). Despertaram diferentes formas de ver e sentir, mobilizando um “saber-do-corpo” que é vital e intensivo (ROLNIK, 2019, p. 40).

De certa forma, este trabalho se resulta como uma provocação ao leitor, sem a intenção de persuadi-lo, mas irradiar afetações que levem a questionamentos no encontro com o texto e com as imagens fotográficas. Assim como propõe Stengers (2015, p. 77), criar “ruídos, resistência, protesto, [...] suscitar um mínimo de perplexidade ou incômodo”.

Nesse sentido, os efeitos poderiam potencializar gestos de polinização que iniciem o semear de outros mundos, proliferando novas políticas do desejo (ROLNIK, 2019). Pensar sobre a ação de polinizar enquanto recurso experiencial para compor coletivamente uma vida que acolha tanto devires humanos como não humanos. Nesse movimento de almejar outros futuros possíveis, nos cabe sonhar. Krenak (2020) definiu sonhar como uma prática, como um lugar de propagação. Isto posto,

Quando pensamos na possibilidade de um tempo além deste, estamos sonhando com um mundo onde nós, humanos, teremos que estar reconfigurados para podermos circular. Vamos ter que produzir outros corpos, outros afetos, sonhar outros sonhos para sermos acolhidos

por esse mundo e nele podermos habitar. Se encararmos as coisas dessa forma, isso que estamos vivendo hoje não será apenas uma crise, mas uma esperança fantástica, promissora (KRENAK, 2020, p. 24).

Logo, para além de desacomodar, esta pesquisa propõe o investimento ético-estético-político em todo tipo de vida para revolucionar o planeta. Sonhar, então, como um ato revolucionário. Assim, a presente pesquisa não visa encerrar-se em um fim absoluto, mas que possa compor aberturas para inauguração do novo.

## Referências

ALHO, Cleber J. R. Importância da biodiversidade para a saúde humana: uma perspectiva ecológica. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 26, n. 74, p. 151-166, 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142012000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142012000100011&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 17 mar. 2023.

AMADOR, Fernanda; FONSECA, Tânia Mara Galli. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa - considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 30-37, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v61n1/v61n1a04.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2023.

ÁNGEL, Augusto; ÁNGEL, Felipe. La ética de la tierra. Ética y medio ambiente. In: LEFF, Enrique (Ed.). *Ética, vida, sustentabilidad*. México D.F.: Ministerio del Medio Ambiente, 2002. p. 12-26.

ARTTE, Geraldo. Na tocaia de instantes na cidade. In: BAPTISTA, Luis Antonio; FERREIRA, Marcelo Santana. *Por que a cidade*. Escritos sobre a experiência urbana e subjetividade. Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 199-220.

BAPTISTA, Luis Antonio; FERREIRA, Marcelo Santana. *Por que a cidade*. Niterói: Editora da UFF, 2012.

BARBOSA, Mariana de Toledo. A ontologia espinosista de Deleuze: univocidade, imanência, diferença. *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba, v. 32, n. 56, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.7213/1980-5934.32.056.DS09>. Acesso em: 17 mar. 2023.

BRAGA, Eduardo Cardoso. *Fluxo, corpo e percepção na comunicação digital*. 2007. 348 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Estudos Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

BRAZÃO, José Carlos Chaves. Afecção e Afeto em Spinoza e Daniel Stern: Considerações Clínicas. *Ayvu: Revista de Psicologia*, Volta Redonda, v. 4, n. 2, p. 77-95, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/ayvu.v4i2.22240>. Acesso em: 17 mar. 2023.

CALVINO, Ítalo. *Palomar*. Tradução João Reis. Lisboa: Teorema, 2001.

CARDOSO, Sergio. O olhar viajante (do etnólogo). In: NOVAES, Adauto. (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 347-360.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 3. ed. Tradução Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

COELHO, Ana Carolina Sampaio. *José Saramago e Evgen Bavcar: os paradoxos do olhar*. 2006. 127 f. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.

CRARY, Jonathan. *Técnicas do observador: visão e modernidade no século XIX*. Tradução Verrah Chamma. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

DÁVALOS, Pablo. Sumak Kawsay: uma forma alternativa de resistência e mobilização. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, v. 340, p. 23-34, jan. 2010. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao340.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2023.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Tradução Claudia Sant'Anna Martins; Revisão tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. *O mistério de Ariana*. Tradução e prefácio Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega-Passagens, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. Devir-intensi, devir-animal, devir-imperceptível. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 54, 1997. (Coleção TRANS). v. 4. p. 8-99.

DESPRET, Vinciane. *¿Qué dirían los animales, si les hiciéramos las preguntas correctas?*. Traducción Sebastián Puente. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2018. (Occursus; 23).

DESPRET, Vinciane. O que diriam os animais se... *Caderno de Leituras*, São Paulo, n. 45, p. 1-20, abr. 2016. Disponível em: [https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2016/05/cad.45\\_miolo\\_aprovac%CC%A7a%CC%83o.pdf](https://chaodafeira.com/wp-content/uploads/2016/05/cad.45_miolo_aprovac%CC%A7a%CC%83o.pdf). Acesso em: 17 mar. 2023.

DOSS, Estefani; RODRIGUES, Edina Paula; BAVARESCO, Angela Maria; BAVARESCO, Paulo Ricardo. Ecopsicoterapia: a natureza como ferramenta terapêutica. *Anuário Pesquisa e Extensão Unoesc*, São Miguel do Oeste, v. 3, p. e19698, 2018. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/apeusmo/article/view/19698>. Acesso em: 17 mar. 2023.

DURAN, Marília Claret Geraes. Maneiras de pensar o cotidiano com Michel de Certeau. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 7, n. 22, p. 115-128, set./dez. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1891/189116805008.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2023.

FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/syPBCCTQ76zF6yTDmPxd4sG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 17 mar. 2023.

FLORES, Diego. Corpo e experiência na cidade dos poetas piratas: armadilhas lúdicas para carrancas urbanas. In: BAPTISTA, Luis Antonio; FERREIRA, Marcelo Santana. *Por que a cidade*. Escritos sobre a experiência urbana e subjetividade. Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 47-83.

FLÜSSER, Vilém. *Filosofia da caixa preta*. São Paulo: Hucitec, 1985.

GARCÉS, Marina. Visão periférica: olhos para um mundo comum. *Coleção Maruim*, Natal, a. 1, n. 001, p. 1-22, 2011.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas, SP: Papirus, 1990.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 5, p. 7-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>. Acesso em: 17 mar. 2023.

HUR, Domenico Uhg. Poder e potência em Deleuze: forças e resistência. *Mnemosine*, Goiânia, v. 12, n. 1, p. 210-232, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41669/28938>. Acesso em: 17 mar. 2023.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. Flecha 4 - a selva e a seiva. Youtube, 2021. (8 min 23 s). Publicado pelo canal Selvagem ciclo de estudos sobre a vida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BPVv1qs9ZGw>. Acesso em: 17 mar. 2023.

LEFF, Enrique. Ética por la vida. Elogio de la voluntad de poder. In: LEFF, Enrique (Ed.). *Ética, vida, sustentabilidad*. México D.F.: Ministerio del Medio Ambiente, 2002. p. 288-314.

LEFF, Enrique. Manifiesto por la vida. Por una ética para la sustentabilidad. In: LEFF, Enrique (Ed.). *Ética, vida, sustentabilidad*. México D.F.: Ministerio del Medio Ambiente, 2002. p. 315-331.

LEITE, Maria Cristina Stello. Crianças na cidade ajardinada e a rebelião dos corpos: imagens e imaginações em diálogo. In: GOBBI, Marcia Aparecida; ANJOS, Cleriston Izidro dos; SEIXAS, Eunice Castro; TOMÁS, Catarina. *O direito das crianças à cidade: perspectivas desde o Brasil e Portugal*. São Paulo: FEUSP, 2022. p. 355-361.

MANCHINERI, Sebastião Haji. Sustentabilidad humana y ética del punto de vista de los pueblos indígenas. In: LEFF, Enrique (Ed.). *Ética, vida, sustentabilidad*. México D.F.: Ministerio del Medio Ambiente, 2002. p. 209-216.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Afetar e ser afetado. *Encontro Nacional de Saúde, Cultura e Arte-MCA*, Londrina, v. 8, n. 2, 2017. Disponível em: <http://anais.uel.br/portal/index.php/mca8/article/view/503/468>. Acesso em: 17 mar. 2023.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Espaço urbano, natureza e relações sociais: por uma sustentabilidade afetiva. *Psicologia Teoria & Prática*, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 49-59, abr. 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scieloOrg/php/articleXML.php?pid=S1516-36872016000100004&lang=pt>. Acesso em: 17 mar. 2023.

MARIANO, Zilda Fátima; SCOPEL, Iraci; PEIXINHO, Dimas Moraes; SOUZA, Marcos Barros. A relação homem-natureza e os discursos ambientais. *Revista do Departamento de Geografia – USP*, São Paulo, v. 22, p. 158-170, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/download/47224/50960/>. Acesso em: 17 mar. 2023.

MAYR, Juan. Hacia una ética para la sustentabilidad. In: LEFF, Enrique (Ed.). *Ética, vida, sustentabilidad*. México D.F.: Ministerio del Medio Ambiente, 2002. p. 7-11.

MORAES, Marcia. Prefácio. In: BAPTISTA, Luis Antonio; FERREIRA, Marcelo Santana. *Por que a cidade*. Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 11-19.

NOVAES, Adauto. De olhos vendados. In: NOVAES, Adauto. (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 9-20.

OLIVEIRA, Thiago Rannery Moreira de; PARAÍSO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. *Pro-Posições*, Campinas, v. 23, p. 159-178, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8642843>. Acesso em: 17 mar. 2023.

OSTROWER, Fayga. A construção do olhar. In: NOVAES, Adauto. (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 167-182.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009. p. 17-31.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Permanecendo no próprio ser: a potência de corpos e afetos em Espinosa. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 21, p. 371-385, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/tSbcvn4DdfsxcmMQBbZ4t3d/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 17 mar. 2023.

PELBART, Peter Pál. Elementos para uma cartografia da grupalidade. In: SAADI, Fátima; GARCIA, Silvana (Orgs.). *Próximo ato: questões da teatralidade contemporânea*. São Paulo: Itaú Cultural, 2008. p. 33-37.

PELBART, Peter Pál. Por um corpo vivo: cartografias biopolíticas. *Cadernos de Saúde Mental*, v. 2, n. 1, p. 25-37, 2009. Disponível em: <http://docs.bvsalud.org/biblioref/coleciona-sus/2009/27361/27361-310.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2023.

REIS FILHO, Osmar Gonçalves dos. Reconfigurações do olhar: o háptico na cultura visual contemporânea. *Visualidades*, Goiânia, v. 10, n. 2, 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/download/26551/15145>. Acesso em: 17 mar. 2023.

REIS, Sílvia; SANTOS, Bruna Lisboa Mendes dos; MELLO, Eliana Dable de; WILHELMS, Daniela Montano. Cartografando territórios: oficinas de fotografia pinhole como dispositivo de ação em saúde. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v. 16, p. 855-862, set. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-32832012000300022>. Acesso em: 17 mar. 2023.

RODRIGUES, Ana Cabral. Para ficar atento ao que ficou inacabado: das desutilidades dos restos das cidades. In: BAPTISTA, Luis Antonio; FERREIRA, Marcelo Santana. *Por que a cidade*. Escritos sobre a experiência urbana e subjetividade. Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 85-112.

ROLNIK, Suely. Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil. *Núcleo de Estudos de Subjetividade da PUC*, São Paulo, p. 1-4, 1987. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2023.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição*: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: N-1 edições, 2019.

ROLNIK, Suely. Subjetividade antropofágica. In: MACHADO, L. D.; LAVRADOR, M. C. C.; BARROS, M. E. B. de. (Orgs.). *Texturas da psicologia*: subjetividade e política no contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 11-28.

SAMAIN, Etienne. As peles da fotografia: fenômeno, memória/arquivo, desejo. *Visualidades*, Goiânia, v. 10, n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/VISUAL/article/download/23089/13635/97533>. Acesso em: 17 mar. 2023.

SANTOS, Danilo Nascimento Rolim dos. *Percepção ambiental, afetos e atenção plena em estudantes universitários*. 2017. 149 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/11783/1/Arquivototal.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2023.

SANTOS, Maria Walburga. Crianças também habitam cidades: realidades invisíveis; direitos, invenções e inversões possíveis. In: GOBBI, Marcia Aparecida; ANJOS, Cleriston Izidro dos; SEIXAS, Eunice Castro; TOMÁS, Catarina. *O direito das crianças à cidade*: perspectivas desde o Brasil e Portugal. São Paulo: FEUSP, 2022. p. 97-121.

SILVA, Rodrigo Lages. O que são essas luzes? In: BAPTISTA, Luis Antonio; FERREIRA, Marcelo Santana. *Por que a cidade*. Escritos sobre a experiência urbana e subjetividade. Niterói: Editora da UFF, 2012. p. 21-45.

SOARES, Jorge Coelho; SANTANA, Gisela Verri de. Hipercidades, consumo e habitação: da necessidade de habitar ao desejo de morar. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 271-281, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4518/451844614011.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2023.

SOUZA FILHO, Alípio de. Michel de Certeau: fundamentos de uma sociologia do cotidiano. *Sociabilidades*, São Paulo, v. 2, p. 129-134, 2002. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Alipio-De-Sousa-Filho/publication/344453896\\_Michel\\_de\\_Certeau\\_fundamentos\\_de\\_uma\\_sociologia\\_do\\_cotidiano/links/5f7752c1458515b7cf62a30e/Michel-de-Certeau-fundamentos-de-uma-sociologia-do-cotidiano.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Alipio-De-Sousa-Filho/publication/344453896_Michel_de_Certeau_fundamentos_de_uma_sociologia_do_cotidiano/links/5f7752c1458515b7cf62a30e/Michel-de-Certeau-fundamentos-de-uma-sociologia-do-cotidiano.pdf). Acesso em: 17 mar. 2023.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*: resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

VIEIRA, João Luiz. O olhar e o corpo: aprendendo com Foucault. In: LACERDA, N.; SIQUEIRA, V. H. F.; MIRANDA, R. L. F. (Org.). *Práticas pedagógicas na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011. p. 129-147.